

NO MUQUIFU AS PAISAGENS MUDAM E A CULTURA RESISTE!

Padre Mauro Luiz da Silva¹

RESUMO

O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MUQUIFU) nasceu por iniciativa de uma Comissão de Paz, formada por moradores do Aglomerado Santa Lúcia, com a missão de preservar o patrimônio imaterial e material das comunidades que estão sendo removidas pelo programa de urbanização de vilas e favelas atualmente em curso em Belo Horizonte. Nosso acervo é composto por fragmentos da memória coletiva dos moradores do Morro do Papagaio, local onde as questões urbanas, sociais e econômicas vão além do meramente exótico. Temas como desigualdade social, exclusão territorial e gentrificação fazem parte do nosso fazer museológico. A riqueza cultural e o patrimônio acumulado desde o início da ocupação da favela pelos eternos ‘retirantes urbanos’ são frutos da resistência daqueles que lutam contra a invisibilidade social e pelo direito à cidade, de quem são seus construtores.

Palavras-chave: favela, museu, quilombo, cidade, gentrificação.

¹ Diretor e Curador do MUQUIFU desde 20 de novembro de 2012. Mestrando em Ciências Sociais pela Puc-Minas desde março de 2016.

Quando você for convidado pra subir no adro da Fundação Casa de Jorge Amado, pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos, dando porrada na nuca de malandros pretos, de ladrões mulatos e outros quase brancos, tratados como pretos só pra mostrar aos outros quase pretos e aos quase brancos pobres como pretos, como é que pretos, pobres e mulatos e quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados... O Haiti é aqui. O Haiti não é aqui. (VELOSO; GIL, 1993).



Imagem 01: Aglomerado Santa Lúcia / Morro do Papagaio

Fonte: Mauro Silva

UM MUSEU DE FAVELAS E QUILOMBOS URBANOS

Nasci na periferia de Belo Horizonte, sou filho de pai negro e mãe branca, pobre. Acredito que essas realidades definiram o que sou hoje. Desde criança, acostumado a ouvir comentários racistas por ser ‘moreninho’, estava com meu futuro predefinido, já que nenhum dos meus familiares - irmãos, primos, tios e avós - tinha alcançado o nível superior de estudos. Ouvia, quando bem pequeno, minha mãe dizer: “Menino, apronta que a gente vai lá na Cidade!” Cresci sabendo que não fazia parte da Cidade, um desafio constante a ser superado.

A música de Caetano Veloso, *O Haiti não é aqui*, traduz quase perfeitamente a linha de pensamento que me conduziu à conclusão de uma graduação em História e Tutela do Patrimônio Cultural, que tive a oportunidade de frequentar junto à

Universidade de Pádua, na Itália, quando enfrentei o desafio de criar o primeiro Museu de Quilombos Urbanos e Favelas do Brasil. Neste breve artigo apresento alguns dos argumentos que sustentam a criação desse Museu Comunitário que está sendo construído no Aglomerado Santa Lúcia, em Belo Horizonte. Trago para a reflexão a temática da exclusão social na qual vivem as populações afro-brasileiras: é um trabalho de antropologia cultural no qual enfrento temas interdisciplinares para argumentar acerca da urgência da criação do MUQUIFU² e busco suporte em diversos endereços acadêmicos. Perguntas fundamentais me foram colocadas ao longo deste percurso:

- A criação de um museu sobre favelas, em Belo Horizonte, é necessária?
- As favelas possuem algo que valha a pena ser preservado?



Imagem 02: Primavera 2015

Foto: Marco Mendes

Acervo: MUQUIFU

Moradora: Lourdinha

² O acrônimo MUQUIFU recorda o termo *muquifo*, que pode ser um barraco de favela ou um quarto de despejo. Em uma conotação positiva, a expressão *muquifo* pode representar um lugar especial, por exemplo, ao se dizer: *Este é o meu muquifo*, ou ainda, *Este é o meu lugarzinho preferido*.



Imagem 03: Burrinho de Carga

Acervo: MUQUIFU

Foto: Mauro Silva

Texto: Cidinha da Silva³

O dono do burrinho não tinha nada antes de tê-lo. Era um menino sem perspectivas que carregava sacolas no mercado, sacolas grandes, quase maiores que ele. Um dia uma senhora teve pena do menino e o levou para casa. Dava-lhe umas sobras de comida, de cadernos e lápis, roupas usadas e desprezadas pelos filhos. Mas qualquer coisa tinha valor, diante do imenso nada da vida do menino. Em outro dia na vida do menino, já rapaz, depois de muitos anos de serviços prestados, a madame lhe deu um burrinho de pata quebrada, que pelas mãos de uma irmã chegou ao MUQUIFU, junto com essa memória de exploração humana e uma pata consertada pelo novo dono.

QUILOMBOS URBANOS E FAVELAS: O “LUGAR” DOS “SEM LUGAR”

Belo Horizonte registra um dos melhores índices de qualidade de vida entre as capitais brasileiras. O Morro do Papagaio - lugar onde o horizonte não é tão belo -, mesmo estando localizado na região Centro-Sul de Belo Horizonte, resiste à especulação imobiliária, como uma espécie de ilha de miséria em meio a um mar de opulência e riqueza. Este artigo seria bem diferente caso o Aglomerado Santa Lúcia não fosse uma das comunidades atingidas pelo Programa Vila Viva, uma das propostas de urbanização de algumas favelas da cidade que traz em sua essência grandes equívocos: considera aquilo que foi construído pelos favelados um amontoado de lixo. Precisamos discutir a relevância e a urgência da criação de um museu comunitário, onde possam ser preservadas as memórias dos negros, pobres, quilombolas urbanos e favelados de Belo Horizonte e Minas Gerais.

³ Cidinha da Silva é doutoranda no Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e acaba de publicar seu livro novo "Sobreviventes!".

De acordo com os dados estatísticos da Prefeitura de Belo Horizonte, aproximadamente um quinto da população da cidade (600.000 pessoas) vive em favelas. Nosso museu pretende contar as histórias que muitos não querem ouvir. Como atual curador do MUQUIFU, minha proposta é formalizar uma comissão de favelados que se disponha a trabalhar sobre essas temáticas: culturas urbanas, modos de vida e as identidades presentes nas cidades. A criação do MUQUIFU foi motivada pela realização dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016, realidade que acelerou a expulsão das populações negras e pobres que ainda ocupam os centros urbanos. Seria este mais um processo de limpeza étnica, fenômeno sempre presente na história global, sendo colocado em prática em nossa cidade? Os quilombos são lugares de resistência das culturas negra e indígena no Brasil, formados desde o início da colonização, assim como em muitos outros países da América Latina e do Caribe. Alguns desses quilombos ocupam espaços urbanos e, desde os tempos remotos, é possível encontrá-los nos centros urbanos.



Imagem 04: Igrejinha do Wilson

Foto: Mauro Silva

Acervo: Wilson Antônio da Silva

Texto: Cidinha da Silva

A igreja da infância⁴ tinha duas torres, janelas na fachada, uma porta central e um relógio acima dela. O sino batia a cada hora cheia marcada no relógio e, a cada dia vivido, as

⁴ A Igrejinha em madeira esculpida e cromada faz parte da Coleção Arquiteturas do Wilson Antônio da Silva e faz parte do Acervo do MUQUIFU.

badaladas da memória revigoravam aquela imagem. Então, ela se materializou nessa pequena escultura em madeira e depois se tornou uma peça grande, edificada na fachada da sala de estar da casa do dono, para que qualquer visitante da casa entrasse na igreja que sempre morou dentro dele.



Imagem 05: Cartaz⁵

Foto: Marco Mendes

Acervo: MUQUIFU

Moradora: Catharina

O Aglomerado Santa Lúcia, a quanto nos parece, nunca foi um quilombo tradicional, sendo, certamente, o encontro entre comunidades negras de origens diversas. Por isso, minha análise parte do princípio de que as favelas podem ser consideradas quilombos urbanos. Acredito que se as populações negras dificilmente serão reconhecidas como cidadãs e cidadãos de direito, elas podem ser reconhecidas como quilombolas, resistentes à intolerância étnico-racial. A criação do MUQUIFU pode ser uma forma de restituir a nós, favelados – quase todos pretos e pobres –, nossa própria capacidade e responsabilidade na construção da nossa história.

⁵ O cartaz da 13ª Semana Nacional de Museus foi produzido pela Agência Perfil para o MUQUIFU e faz referência à pintura Moça com o Brinco de Pérola é uma das obras-primas do pintor holandês Johannes Vermeer. Como o seu nome indica, é utilizado um brinco de pérola como ponto focal. A pintura está no Mauritshuis de Haia. É muitas vezes referido como "a Mona Lisa do Norte" ou "a Mona Lisa holandesa".

O grupo que coordena as ações do MUQUIFU se pergunta: afinal, quem define o que deve ou não fazer parte do acervo de um determinado museu? Quais são os limites e possibilidades de novas instituições museológicas que surgem a cada dia em nosso país? Quem são os personagens e instituições que definirão a política de aquisição do acervo desses museus em construção? Conscientes da responsabilidade que é a tentativa de se dizer algo em nome de uma parcela significativa dos brasileiros, a criação de museus sociais e comunitários permanece um desafio e, por isso, caracteriza-se por sua urgência e oportuna necessidade. A criação de um museu de favela é, também, expressão de empoderamento dos favelados.

O crescente interesse pela memória nas últimas décadas tem caracterizado nossas sociedades. Iniciativas diversas como as atividades museais e o avanço dos debates sobre patrimônio tangível e intangível marcam o ‘fascínio’ das pessoas pelo passado em diversas regiões do mundo. Esse interesse, contudo, não diz respeito necessariamente à busca por ‘lições’ ou respostas para o futuro. Muitas vezes, o interesse pela memória se enuncia como um efeito de determinada concepção de ‘cultura’ e ‘política cultural’ em que a cultura figura como mero produto numa sociedade de consumo. Assim, assistimos, por exemplo, à proliferação de ações como ‘turismo’ cultural em favelas e fazendas do café do século XIX, em que os personagens – os de ontem e os de hoje – são caricaturalmente concebidos e expostos a serviço do lucro.

Mas há também, nesse campo de disputas em torno da memória, experiências que dela se apropriam com intuítos diferentes e transformadores: a criação do Museu da Maré, no Rio de Janeiro, em 2006; o atual Projeto História em Construção, na Vila das Antenas - Belo Horizonte, ou o Cortejo da Memória, no Aglomerado Santa Lúcia (2005); a criação do Museu de Favela, no Rio de Janeiro (2008); a própria criação do MUQUIFU em Belo Horizonte (2012); a luta pelo reconhecimento e preservação das expressões culturais de matrizes africana e indígena no país... Todas essas ações expõem à sociedade brasileira a existência de uma lacuna: o histórico negligenciamento da presença e participação de negros, favelados, mulheres, indígenas e tantos outros na construção de nossas cidades.

Nesse percurso epistemológico, sinto necessidade de encontrar outras respostas para questões fundamentais em nossos dias: é possível considerar uma ‘função social da memória’ nas lutas cotidianas por mudança social? Em que termos? Qual o potencial político da recuperação e reelaboração de experiências passadas

em articulação com as demandas atuais dessas populações, nos centros urbanos? O tema que permeia e costura as reflexões, mostras e exposições do MUQUIFU é a memória africana, presente também nas favelas, considerada à luz da problematização da situação dos moradores de vilas e favelas no país, em especial face às grandes obras de (re)urbanização e megaeventos esportivos propostos e financiados pelo Poder Público.

FAVELA: DECIFRA-ME OU TE DEVORO!

Não sou favelado de nascença. Cheguei aqui no dia dois de fevereiro de 2000 e, após o susto inicial diante da situação que encontrei no Morro do Papagaio e da promessa que fiz ao arcebispo, dom Serafim, de ficar em silêncio por um ano, tudo parecia estar caminhando bem. Até que, no dia dez de dezembro daquele mesmo ano, num domingo à tarde, comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, um policial foi baleado dentro da viatura da Polícia Militar. No mesmo dia, o Morro foi invadido por dezenas de policiais que cometeram todo tipo de abuso de autoridade e práticas de tortura na ‘caça’ ao jovem que, supostamente, teria efetuado o disparo contra o tenente, morto por causa dos tiros na quarta-feira seguinte. As buscas e os atos de violência e tortura protagonizados pelos militares se intensificaram a tal ponto que os policiais assassinaram um servente de pedreiro que, desafortunadamente, tinha o mesmo nome do jovem que até então era o



suspeito do crime.

Imagem 06: Fórum de Favelas em 2013

Imagem de Domínio Público

Acervo: MUQUIFU

Na tarde da véspera de Natal, 24 de dezembro de 2000, os moradores da Rua Tarde Azul testemunharam uma execução... O verdadeiro suspeito do disparo, que levou o tenente à morte, foi encontrado morto em um dos becos da Vila Santa Rita por moradores que afirmaram na época: “Ele foi assassinado por policiais encapuzados. Eles nos mandaram dizer ao padre que ele já pode celebrar mais uma missa de sétimo dia”. Uma Comissão de Paz elaborou o Manifesto *Do Tenente ao Servente: quatorze dias de terror no Aglomerado Santa Lúcia*. Acredito que os policiais já se sentiam vingados e, por isso, deixaram o aglomerado naquela mesma tarde. A amarga lembrança daqueles quatorze dias nunca irá nos abandonar.

QUILOMBOS URBANOS: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA CULTURAL

Olho da minha janela e vejo uma cidade sendo reurbanizada e me pergunto: Diante desse processo acelerado de reurbanização, o que vai ser feito das fronteiras físicas e imaginárias que separam os cidadãos, que estão ‘do lado de lá’, de nós, favelados, que estamos ‘do lado de cá’? Olho da minha janela e constato que meus vizinhos, quase todos pretos e pobres, estão deixando suas casas, de forma acelerada, e estão se mudando para outras periferias e favelas mais distantes do Centro. Ao ler o livro de Michel Agier, *Antropologia da cidade* (2011), comecei a refletir se, por acaso, os moradores do Morro do Papagaio podem ser enquadrados na categoria dos ‘sem lugar’, apresentada pelo autor. Olho da minha janela e tento entender qual é a verdadeira motivação dos administradores públicos para essa nova ocupação da favela onde vivo e não consigo deixar de pensar na história dos quilombos tradicionais, que existiram e resistiram, por séculos, até serem invadidos pelos homens brancos, aqueles mesmos que nos caçaram como animais, em nossa Mãe África, para sermos vendidos como mercadoria aos senhores de escravos.

A proposta da Comissão do Quilombo, grupo responsável pela criação do MUQUIFU, é transformar o Morro do Papagaio em um museu a céu aberto, individuando percursos de visita que possam recontar a história da formação das favelas de Minas Gerais valorizando a cultura negra, a cultura do campo, as artes

visuais, as festas, as danças, os esportes, a gastronomia etc. Assumimos a missão de apresentar aos visitantes do museu um pouco do que somos, nossos sonhos e projetos, expectativas, esperanças, decepções e conquistas. Nossa primeira mostra de longa duração chegou para demarcar nossa proposta museológica. Inauguramos no dia 27 de abril de 2013 a instalação *Doméstica, da escravidão à extinção - uma ontologia do quartinho de empregada no Brasil*. As pessoas que vivem ou já viveram nesses pequenos ambientes, geralmente escondidos entre a cozinha e a área de serviço, são convidadas a deixar registrada nas paredes parte das suas memórias.

Buscamos conhecer e fazer conhecer a diversidade cultural das comunidades faveladas que, em tantos casos, ocupam estes territórios há mais de um século, desde o início da construção das cidades que as cercam. Assim sendo, o MUQUIFU atua na desmistificação das favelas como guetos de violência, lugar da marginalidade e de miseráveis, bem como busca valorizar a riqueza das manifestações culturais identificadas na religiosidade popular, no samba, na capoeira, no forró, no rap, através do grafite, no esporte, no artesanato e na arte popular. Mais uma vez, buscamos inspiração em Hugues de Varini na busca de definir nossa vocação:

E chegamos finalmente ao que é mais repreensível no museu comunitário, aos olhos do mundo dos museólogos profissionais: ele mostra convicto e sem complexos sua vocação política, pois quer ser um instrumento de desenvolvimento do território e da participação da comunidade e de seu patrimônio nesse desenvolvimento (VARINI, 2005, p. 03).



Imagem 07: Doméstica⁶
Imagem de domínio público
Acervo: MUQUIFU

⁶ Mostra de Longa Duração - Doméstica: da escravidão à extinção. Uma ontologia do quartinho de empregada no Brasil. Curadoria: Dalva Pereira, Mauro Silva e Domésticas do Aglomerado Santa Lúcia.

O Quartinho de Empregada é uma bela experiência que nos surpreende a cada dia. Assim como o próprio MUQUIFU, está em constante mudança e recebe a cada ano, sempre no dia 27 de abril, quando se comemora o Dia da Empregada Doméstica, críticas e sugestões que permitem uma ampla variação no seu interior: a melhor disposição para a mobília, o que fica e o que sai do quartinho. Compartilho, assim, a curadoria do Quartinho de Empregada com as domésticas que visitam o museu, deixam suas memórias ali registradas, registram parte de suas histórias nas paredes, elogiam ou denunciam as arbitrariedades de suas patroas.



Imagem 08: Série “Os Invisíveis”

Foto: Jorge Quintão

Fonte: Acervo do MUQUIFU

PEDRO PEDREIRO: TIJOLO COM TIJOLO⁷

Os museus atuam na organização de exposições e o MUQUIFU cumpre essa missão quando revela seu maior patrimônio, os moradores do Morro do Papagaio. A mostra de longa duração *Pedro Pedreiro: tijolo com tijolo num desenho lógico* revela parte do cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras da Construção Civil. Parte da exposição foi instalada no Jardim da Dona Wanda onde os personagens – pedreiros, encanadores, serralheiros, serventes, armadores – tantas vezes são invisíveis aos olhos dos transeuntes, habitam de forma majestosa o jardim e, intencionalmente, estão se tornando novamente invisíveis pela ação do tempo.

⁷ *Pedro Pedreiro: tijolo com tijolo num desenho lógico*. Mostra de longa duração do MUQUIFU. Curadoria: Dalva Pereira, José Augusto de Paula Pinto, Luciana Campos Horta.

Tive oportunidade de olhar através de outras janelas também. Constatei que outras cidades, mesmo localizadas em outros países ou culturas, possuem suas fronteiras e pontes que servem para separar ou aproximar pessoas diferentes que, por diversos motivos, são obrigadas a compartilhar o mesmo espaço físico. Olhei através de tantas janelas e constatei que as cidades possuem fronteiras e pontes, mesmo quando, em algumas situações, eu não tenha conseguido distinguir e nem identificar quem estava do lado de lá ou quem estava do lado de cá. Busquei entender o que pode definir o conceito de cidade, bem como identificar os critérios para que alguém seja considerado, ou não, parte dela.

O CHÁ DA DONA JOVEM

A experiência é patrimônio imaterial da Vila Estrela e acontece na Capela Maria Estrela da Manhã. Em uma definição para esse momento único talvez seja fundamental dizer que, durante o Chá da Dona Jovem, o que menos importa é o próprio chá. A experiência teve início antes da formação da Paróquia Nossa Senhora do Morro e bem antes do início do Projeto Caminhada pela PAZ no Quilombo do Papagaio e, claro, do MUQUIFU. As mulheres da Vila começaram a se reunir em suas casas para rezar o terço, ler a *Bíblia* e, quando era possível, celebrar a missa ou outra festividade importante. Tudo isso se deu por volta da década de 1920. O espaço territorial que hoje definimos como Paróquia Nossa Senhora do Morro já foi ‘dividido’ em quatro porções, entre as paróquias que nos circundam.

Por vários anos Dona Jovem fez parte do grupo de Ministras da Comunhão e conseguia administrar o fogão e o altar ao mesmo tempo! Enquanto preparava o chá, participava da celebração para nos presentear com seu chá, capaz de ‘curar até paixão’, como dizem alguns. Altar e Fogão, Fé e Vida, Cozinha e Capela... Para ela, essas palavras não se contradizem, pelo contrário, se completam.



Imagem 09: Chá da Dona Jovem

Personagens: Marta, Jovem e Merê

Fonte: Mauro Silva

Depoimento de Josemeire Alves⁸

Eram dias, aqueles, em que tudo era pleno de esperança, diante do desafio de lutar pela vida... Lembro-me bem daquele Domingo - o dia do Senhor! - em que a minha mãe resolveu nos levar à missa numa capelinha que ficava em frente à escadaria que dava acesso aos moradores da Vila Estrela e de outras comunidades do Morro à Rua Viçosa, no Bairro São Pedro... Foi naquele dia em que ouvi pela primeira vez, se não me falha a memória, alguém falar sobre "comunidade", "comunhão" e "amar ao próximo como a ti mesmo"... Os meus sentidos atentos de criança captaram tudo com atenção, e meu espírito buscava entender, afinal, o que seria aquilo de "viver em comunhão" e "amar ao próximo como a ti mesmo"... Era isto o que eu buscava na vivência da religião católica durante todos aqueles anos. Foram várias e importantes as experiências: a Catequese Infantil, a preparação para a Crisma, a 1ª Eucaristia e todas as outras... Contudo, o ritual em si só fazia sentido quando percebia a Comunhão acontecendo por meio das relações entre as pessoas.

Falo de coisas que não precisamos explicar racionalmente porque dialogam com o coração da gente: o cultivo do cuidado, do querer bem, do auxílio mútuo na árdua tarefa partilhada por todos nós que vivíamos no Aglomerado Santa Lúcia, de enfrentar o desafio constante de lutarmos pela sobrevivência e pelo respeito à nossa dignidade. Às vezes eu me dava conta, por exemplo, de que a Comunhão estava acontecendo fora do Templo mesmo, nos esforços de organização coletiva em luta por melhorias na qualidade de vida, no combate ao racismo, na luta por direitos humanos... Mas havia um momento muito especial em que, aos meus sentidos, soava como a representação plena daquela comunhão: era após a missa, quando, muitas vezes, após uma jornada que começava com as reuniões da Comissão de Direitos Humanos, em plena manhã de sábado, passando pelas tarefas cotidianas de estudo e cuidado com a casa e era, enfim, coroada pela Eucaristia, eu podia estar entre a minha gente, no Chá da Dona Jovem. Perfumado por canela, cravo, erva-cidreira e toda as combinações possíveis. Aquele momento para mim era sagrado, como a extensão viva da própria Eucaristia. O gesto e o gosto desse chá abençoado eram bálsamo para muitas dores, experiência que nos permitia transformar as mesmas dores e o cansaço em energia e esperança. E assim, muito do que somos se constituiu e constitui porque a lembrança daqueles dias se perpetua no tempo e evoca a memória da vida e do trabalho de Dona Jovem, Tia Neném, minha mãe Emerenciana, Dona Lone, Tia Santa, Marilda, Dona Júlia, Dona Divina e de todas aquelas mulheres que transformaram e têm transformado nossas vidas pelo exemplo de inabalável crença na vida, que elas celebram com a própria existência (ALVES, 2010).

Uma das minhas preocupações desde quando passei a dedicar parte dos meus esforços à criação e organização do MUQUIFU foi exatamente essa: nunca desejei gastar meu tempo, discurso e prática em algo que o resultado final se assemelhasse à mediocridade, à improvisação ou à mera carência... Museologia social, criatividade, paixão e dedicação não podem e, a meu ver, não devem ser confundidas com carestia, incompetência, incapacidade de articulação, improvisação ou preguiça intelectual. O museu social que sonho deve ir além das

⁸ Josemeire Alves é filha de Dona Emerenciana, atualmente é doutoranda em História pela UNICAMP/SP e em seu depoimento nos revela com emoção a experiência vivida à beira do fogão de Dona Jovem.

'licenças poéticas' às quais recorreremos no momento da montagem de alguma exposição no caso de uma possível falta de recurso financeiro. Afinal, quando é que iremos nos dar conta de que nunca teremos recurso financeiro suficiente que alcance nossos sonhos e nosso furor criativo? Dedicar-se a um museu já é uma labuta por si só. Pelo que ando observando entre minhas novas amigas e amigos desse novo universo que passei a frequentar, ninguém nunca está satisfeito com o orçamento disponível e isso é bom, pois indica que levamos a sério o nosso trabalho. Admiro ainda mais com a audácia e a coragem de quem se propõe a construir algo tão novo. Por isso, os museus comunitários precisam de mais um tempo para se consolidar. Vejamos a opinião de Varini (2005) nesse sentido:

Para o museu comunitário (ou ecomuseu ou museu territorial, na medida em que eles sejam realmente comunitários), trata-se do patrimônio reconhecido como tal pela comunidade e por seus membros. É o capital cultural coletivo da comunidade, ele é vivo, evolutivo, em permanente criação. Os responsáveis do museu utilizarão esse capital para atividades inscritas na dimensão cultural do desenvolvimento do território e da comunidade. A conservação é uma responsabilidade e uma tarefa coletiva da comunidade, os profissionais do museu sendo essencialmente apoio técnico e científico (p. 03).

A proposta do poder público que vem sendo implantada pelos administradores das cidades corresponde às expectativas das imobiliárias e construtoras. Seria ingênuo pensar que o enobrecimento dos centros urbanos - movimento urbano conhecido como *gentrificação*⁹ - não fosse alvo das exposições do MUQUIFU. Nesses museus sociais aqueles que antes encontrávamos apenas nos bastidores agora povoam suas galerias, salas, corredores, vitrines, salões nobres: tanto como visitantes quanto como acervo, gestores e pensadores desta nova museologia. Não nos contentamos mais com a insistente exposição da parte dolorosa de nossa história e memória, sempre tão mal apresentadas. Basta de instrumentos de tortura sendo apresentados aos visitantes como únicos representantes de nossa cultura, corporeidade, história, estética... Somos muito mais que descendentes de povos escravizados.

O MUQUIFU discute, também, a respeito da regularização dos territórios quilombolas no Brasil, intensificada nos anos 1980, após a Constituição Federal de 1988. Esta, em seu artigo 68, assegura a titulação das propriedades dessas

⁹ Chama-se *gentrificação* (do inglês *gentrification*) o fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local, tal como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando a região e afetando a população de baixa renda local. Tal valorização é seguida de um aumento de custos de bens e serviços, dificultando a permanência de antigos moradores de renda insuficiente para sua manutenção no local cuja realidade foi alterada. **Fonte:** Wikipédia, **Verbete:** Gentrificação Urbana.

comunidades, enquanto os artigos 215 e 216, que tratam a respeito da proteção dos Direitos Culturais do povo brasileiro, asseguram a proteção dos lugares onde residem os remanescentes dos quilombos tradicionais.

O MUNDO DE JANUÁRIA

Caminho sem volta, assim posso definir a trajetória do MUQUIFU desde sua inauguração e até mesmo antes dela. Em meados de novembro de 2015, estava terminando uma celebração na Capela Santa Rita de Cássia quando fui abordado por uma senhora que frequenta aquela comunidade, Dona Maria Januária, que me surpreendeu com a doação de ‘suas coisas’. Pediu que ‘suas coisas’ pudessem ser levadas para o museu e que, depois, ela mesma gostaria de ir ver como as ‘suas coisas’ ficaram expostas. A coleção *O mundo de Januária* foi acolhida prontamente por todos nós e serviu como objeto de pesquisa para a dissertação de Mestrado de Kelly Freitas. Parte do seu resultado passo a apresentar agora.

Januária tem 94 anos de idade. Nasceu em Carmésia (MG) e há 60 anos mora na Vila Santa Rita de Cássia do Aglomerado Santa Lúcia. Chegou a Belo Horizonte aos 32 anos, quando precisou fazer um tratamento de saúde. Na ocasião, o médico responsável pelo seu atendimento pediu ao tio/tutor de Januária que a deixasse trabalhar na casa dele como empregada doméstica de tempo integral. Ela trabalhou com a mesma família por 10 anos, quando casou com um baiano, com quem teve duas filhas. Januária, além de ter exercido funções de lavadeira, cozinheira, costureira, trabalhou na infância e adolescência como agricultora rural e aos 94 anos de idade ainda costura fuxicos para uma fábrica, que leva e busca as encomendas em sua residência.

Para o MUQUIFU, Januária doou seis objetos: o *cartaz do Sagrado Coração de Jesus*, o *Relógio de pulso*, o *Cuscuzeiro*, o *Conjunto de pratos e pesos* (que pertenciam a uma balança comercial), o *crucifixo* e a *Lamparina*.

Na narrativa de Dona Januária, cada objeto corresponde a uma fase de sua vida. Assim que instalou sua residência no Morro do Papagaio, colocou o cartaz do Sagrado Coração de Jesus na moldura, com uma estampa ao fundo, e o dependurou na parede junto a outros quadros representantes de sua fé católica. Ali ficou o cartaz emoldurado até quando seus familiares – netos, filha e genro – passaram a

frequentar a religião evangélica e retiraram da parede os quadros de Januária com a alegação de que não podiam mais ficar olhando para santos.



Imagem 10: Coleção Mundo de Januária.

Fonte: Augusto de Paula, 2016.

Quando eles começou a entrar na igreja evangélica, meu neto falou assim comigo: - A senhora acredita em santo? Eu deixei e ele falou, e falou, e falou bastante. Eu calei a boca porque eu não discuto religião com ninguém. Não discuto, não. Ele falou, falou, falou, eu deixei ele falar.

Depois eu falei assim: - Ó, meu filho, não adianta você pelear comigo não. Eu não vou trocar minha fé por outra fé. Na fé que eu nasci, Jesus está me levando e eu vou ficar até eu morrer. Até o último suspiro eu sou católica apostólica romana. Então você deixa meus quadros na parede. Quando eu morrer, vocês faz assim. Quando vocês não quiserem mais os quadros dos santos aí, vocês pega, põe no canto do caixão, manda comigo. Põe debaixo da terra comigo. Não joga na rua, não. Vocês dá para os outros, mas não joga meus santos na rua, não. Põe no canto do caixão que eu levo.

Eu fui para o meu quarto e fiquei quieta. Daí um cadinho ele veio me abraçando, pedindo perdão, chorando, que ele falou demais comigo (Moradora Januária, 2016).

A coleção de Dona Januária traz em si a força de resistência dessas comunidades que superaram as tentativas por aniquilá-las, a ausência de políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio cultural dessa população. O *Mundo de Januária*¹⁰ ultrapassa assim o seu microcosmo e adquire, no MUQUIFU, força de resistência.

¹⁰ Coleção particular de Dona Maria Januária (94) composta por seis objetos: Crucifixo, Relógio de Pulso, Lamparina, Balança de Comércio, Quadro do Apostolado da Oração, Panela de Cuscuz.

MUQUIFOCA - MUSEU NO CARRINHO DE PIPOCA¹¹

A melhor forma de apresentação da proposta de um museu comunitário é dar acesso ao seu acervo e possibilidade de conhecimento à comunidade à qual esse museu faz referência. Considero muito rica a experiência do MUQUIFOCA. Essa proposta educativa circula pelo Aglomerado Santa Lúcia como parte do nosso acervo. Ela vai além de uma expografia tradicional; propõe principalmente às crianças que elas troquem leitura, empréstimo de livros e visita ao acervo por pipoca. A inspiração para o MUQUIFOCA veio com o museólogo social, professor Mário Chagas, da UERJ, que, em uma entrevista, o define assim:

Ainda ontem eu visitei a favela da Rocinha para um trabalho de museu que está se desenvolvendo, assim como vou visitar o Sítio Cercado em Curitiba agora nos dias 2 e 3 de setembro. Lá na Rocinha se falava no museu itinerante, num museu que seria levado às pessoas quase de casa em casa. Eles falavam no museu cortejo. As pessoas iriam andando pelas ruas, um arauto anunciando, o museu esta chegando! O museu está chegando! Eu achei essa coisa completamente alucinada, no bom sentido. Uma coisa iluminada! Tem uma espécie de baú, o museu vai dentro do baú. Quando o cortejo para abrem o baú, tiram as coisas, mostram, se apresentam, depois fecham e continuam andando (CHAGAS, 2009).



Imagem 11: A museóloga Dalva Pereira às vezes se *disfarça* de pipoqueira para encantar as crianças com as Histórias e Memórias do MUQUIFU.

Fonte: Kelly Freitas

¹¹ Iluminado pelos conceitos e práticas de Mário Chagas, o coordenador do MUQUIFU, José Augusto de Paula Pinto, é o curador desta proposta de itinerância. O MUQUIFOCA é o MUQUIFU no Carrinho de Pipoca.

Considero a chegada do 'Vila Viva' – Programa de Urbanização das Vilas e Favelas de Belo Horizonte – mais uma iniciativa danosa que pode causar a destruição da memória, festas e tradições do Aglomerado Santa Lúcia. De acordo com a urbanista Ermínia Maricato, no seu artigo "Terror imobiliário ou a expulsão dos pobres do centro de São Paulo" (2011), em entrevista concedida ao *Blogue Carta Maior*, o deslocamento dos pobres do centro para a periferia segue a lógica do mercado e promove a exclusão destas populações. A análise feita por Maricato revela que a cidade modelo, se é que ela existe, e que foi proposta para o Brasil, é contra os pobres, não obstante essas populações não serem uma minoria em nosso país. Este modelo propõe que os pobres sejam deslocados e vivam o mais distante possível dos centros urbanos: isto é evidente. Aquilo que não parece ser óbvio é que, definitivamente, o fator determinante de tudo isso é meramente econômico. Observo que a produção do espaço urbano e a força motora dessa máquina perigosa são a especulação imobiliária.

A Memória Negra e a forma como esta é representada nos museus são o fio condutor das mostras e exposições do MUQUIFU. Chegar à consciência da necessidade de preservação da própria memória é algo louvável, demonstra a superação de processos epistemológicos muito superiores e consolidados. Afinal, quem define o que deve ou não fazer parte do acervo de um determinado museu? Quais são os limites e possibilidades do MUQUIFU? Quem são os personagens e as instituições que definem a política de aquisição de acervo desse museu em construção? Consciente da responsabilidade que é a tentativa de se dizer algo em nome de uma parcela significativa dos brasileiros, a criação do MUQUIFU permanece um desafio e, por isso, caracteriza-se também por sua urgência e oportuna necessidade. Reafirmo: a criação de um museu é, também, expressão de poder.

Considerando-se o fato de que as vilas e favelas compõem a cultura urbana, os modos de vida e contribuem de forma categórica para formação das identidades presentes nas cidades, um "quilombo urbano" é exemplo singular da diversidade social e cultural presente nas grandes cidades. Carlos Fortuna (1994), em seu texto "As cidades e as identidades - narrativas, patrimônios e memórias", aborda a questão da cidade e a importância dos seus espaços na formação da identidade, argumento que muito me interessa e que pode ajudar positivamente na criação de um museu a céu aberto no Aglomerado Santa Lúcia, em Belo Horizonte, onde o Instituto do Patrimônio Histórico, em 1972, tombou uma edificação, conhecida

como Casa da Fazendinha, mas que atualmente corre o risco de ruir. Poderá ser um dos objetos da minha pesquisa esse patrimônio histórico de Belo Horizonte, assim como sua importância simbólica na formação da identidade dos belo-horizontinos, não apenas dos favelados que ocupam parte da Zona Sul da cidade.

A Igreja dos Santos Pretos na Vila Estrela

As esculturas em terracota policromada de Maria Estrela da Manhã, Santa Efigênia, São Benedito e São Martinho de Lima, produzidas pela artista plástica Sônia Toledo, ampliam o acervo de obras de arte do Aglomerado Santa Lúcia. Depois do quadro barroco de Maria Estrela da Manhã, inspirado na obra do pintor austríaco Lucas Granach, está em execução três amplos painéis que narram as sete alegrias e sete dores de Maria em comparação com a vida de quatorze mulheres da Vila Estrela, obra do pernambucano Cleiton Gos e do mineiro Marcial Ávila.



Imagem 12: Maria Estrela da Manhã

Artista: Sônia Toledo

Fonte: Mauro Silva

As esculturas têm como peculiaridade os traços do povo negro. A artista Sônia Toledo buscou retratar a identidade e o rosto dos moradores da favela, já que as outras imagens representavam a cultura europeia. As obras desempenham um papel restaurador na autoestima dos favelados, acostumados a venerar imagens de santos e santas 'cor de rosa'!

FOLIA, FREVO E FAVELA: EXPERIÊNCIA TRANSCULTURAL DO MUQUIFU

Inspirados na Região Nordeste trouxemos um pouco das folias e maracatus pernambucanos com a mostra *Folia, frevo e favela: paisagens transculturais no MUQUIFU*. A exposição reconhece a importância e o protagonismo das comunidades de periferia na preservação do patrimônio cultural, imaterial e material. Cleiton Gos, produtor cultural e artista plástico pernambucano, idealizador do Projeto Arte pra Toda Vida¹², é o curador da mostra e argumenta sobre as semelhanças e os traços comuns entre as culturas pernambucana e mineira, propondo que a melhor forma de preservar tais manifestações é devolver às comunidades seu protagonismo na salvaguarda do patrimônio que lhes pertence.



Imagem 13: Inauguração¹³
Fonte: Cleiton Gos

CONCLUSÕES

O MUQUIFU - Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos - é um museu em construção, onde nada está pronto, tudo é ainda processo. Até mesmo os conceitos mais fundamentais que devem definir suas opções no momento da montagem das exposições e instalações, as teorias museológicas que visam definir o modo próprio

¹² Projeto Cultural e Social idealizado pelo Artista Plástico e Promotor Cultural pernambucano Cleiton Gos, que atua junto à população socialmente vulnerável em Pernambuco está sendo implantado no Aglomerado Santa Lúcia em parceria com o MUQUIFU.

¹³ A Mostra de Longa Duração - Folia, Frevo e Favela: Experiência Transcultural do MUQUIFU – Tem a curadoria de Cleiton Gos, Luciana Campos Horta e Mauro Silva.

de expor o acervo de um museu é, também, nesse museu em construção, objeto de amplas discussões. A memória dos moradores das Vilas e Favelas de Belo Horizonte ainda não é apresentada em sua totalidade e, provavelmente, nunca será. Registrar, preservar e tornar pública essa memória é a proposta desse espaço de inspiração que só experimenta quem visita suas galerias, corredores, jardim, cozinha e ali, naquele lugar, sente cheiros, experimenta sabores, troca olhares, recebe abraços, vivencia novas e indeléveis experiências. Só conhece o MUQUIFU quem toma o Chá da Dona Jovem e tem oportunidade de ‘trocar um dedo de prosa’ com quem o tempera e adoça como toda sua alquimia de sensações únicas.

Por isso foi preciso criar o MUQUIFU - para que as próximas gerações pudessem encontrar, nos arquivos da memória, os nomes daqueles e daquelas que resistiram. Para que pudessem descobrir que um dia, nestes Quilombos Urbanos e Favelas, existiu aqui um Povo Quilombola, que defendeu seus direitos até o último instante. Povo Negro movido pela Fé na Vida, que nunca perdeu a Esperança e que morreu lutando.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel (Org.). **Antropologia da cidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- CHAGAS, Mário. Entrevistado por Ângelo Vanhoni, 2009.
- FAVA, Ferdinando. **Lo Zen di Palermo**. Antropologia dell'esclusione. Milano: Angeli, 2008.
- FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 33, fev. 1997.
- FREITAS, Kelly. **Memórias, narrativas e objetos biográficos no/do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MARICATO, E. **Terror imobiliário ou a expulsão dos pobres do centro de São Paulo**. *Carta Maior*, São Paulo, 2011.
- VARINI, Hugues de. **O museu comunitário é herético?** ABREMC, 16 fev. 2005. Disponível em <<http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=9>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

Sites consultados

- Abremc: <<http://www.abremc.com.br>>
- Carta Maior: <<http://www.cartamaior.org.br>>
- Ministério da Cultura: <<http://www.museus.gov.br>>

Museu de Favela: <<http://www.museundefavela.org>>
Prefeitura de Belo Horizonte: <<http://www.pbh.gov.br>>
Quilombos Urbanos: <<http://www.cpisp.org.br>>
Território e Geografia: <<http://www.geografia.fflch.usp.br>>



Imagem 14: Logomarca do MUQUIFU